



Co-funded by
the European Union



Stories 4

empowerment

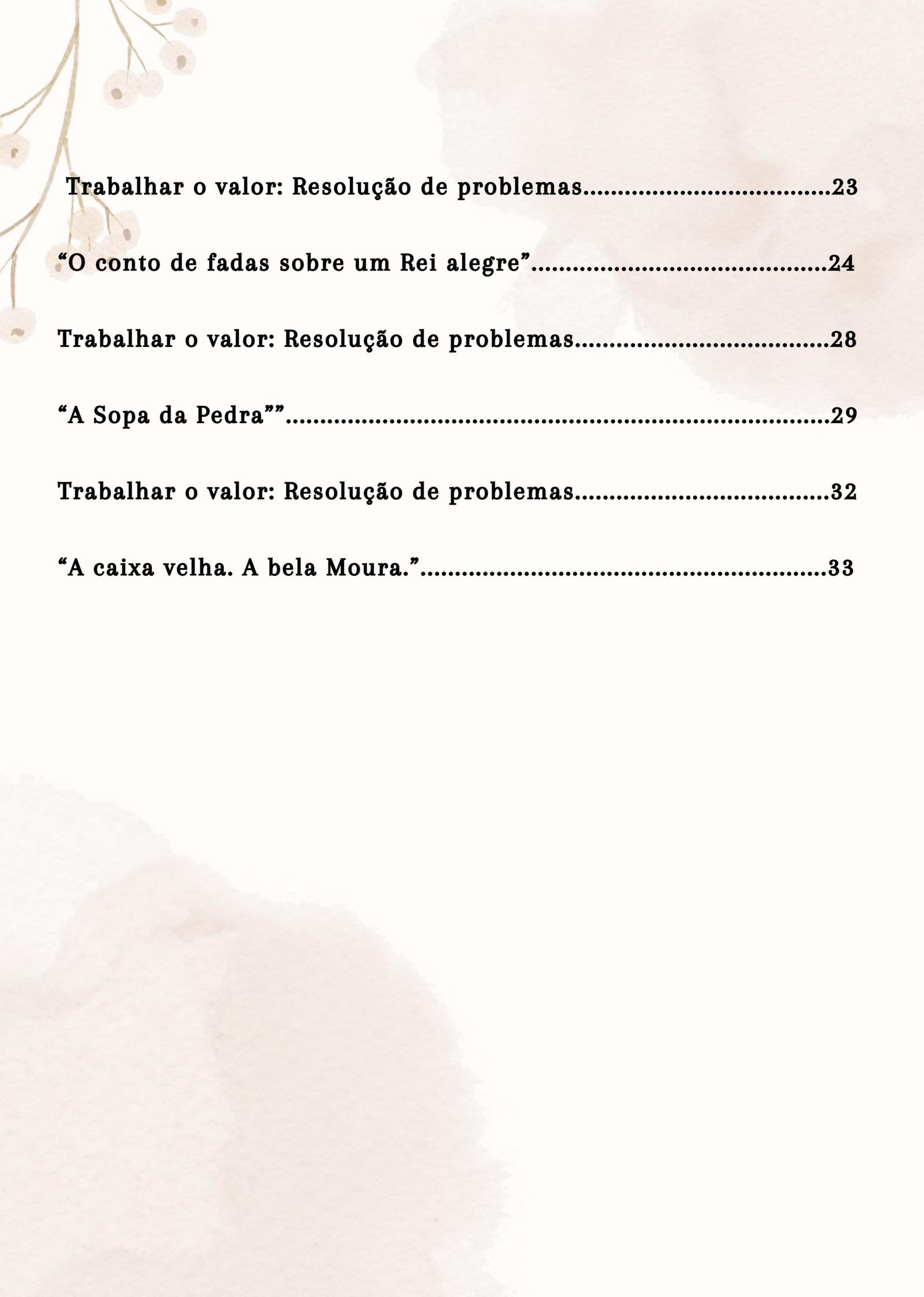
2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380

**Trabalhar o valor:
Resolução de problemas.**

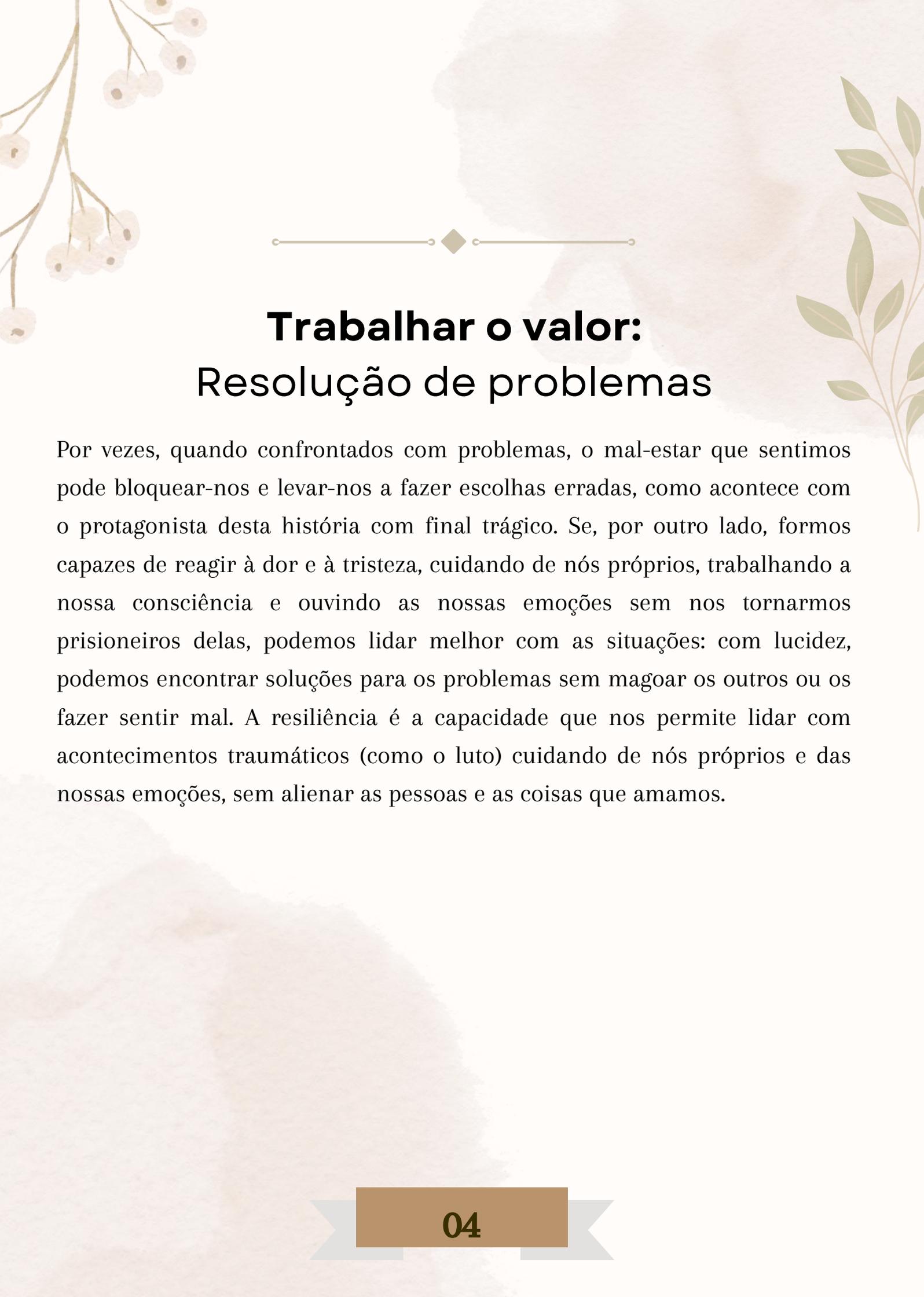


ÍNDICE

Trabalhar o valor: Resolução de problemas.....	04
“Bumerangue”.....	05
Trabalhar o valor: Resolução de problemas.....	09
“A raposa e as uvas”.....	10
Trabalhar o valor: Resolução de problemas.....	11
“A Lenda de Ombu da Argentina”.....	13
Trabalhar o valor: Resolução de problemas.....	14
“Um amigo”.....	15
Trabalhar o valor: Resolução de problemas.....	18
“A sopa de pedra”.....	19
Trabalhar o valor: Resolução de problemas.....	20
“Os músicos de Bremen”.....	21



Trabalhar o valor: Resolução de problemas.....	23
“O conto de fadas sobre um Rei alegre”.....	24
Trabalhar o valor: Resolução de problemas.....	28
“A Sopa da Pedra”.....	29
Trabalhar o valor: Resolução de problemas.....	32
“A caixa velha. A bela Moura.”.....	33



Trabalhar o valor: Resolução de problemas

Por vezes, quando confrontados com problemas, o mal-estar que sentimos pode bloquear-nos e levar-nos a fazer escolhas erradas, como acontece com o protagonista desta história com final trágico. Se, por outro lado, formos capazes de reagir à dor e à tristeza, cuidando de nós próprios, trabalhando a nossa consciência e ouvindo as nossas emoções sem nos tornarmos prisioneiros delas, podemos lidar melhor com as situações: com lucidez, podemos encontrar soluções para os problemas sem magoar os outros ou os fazer sentir mal. A resiliência é a capacidade que nos permite lidar com acontecimentos traumáticos (como o luto) cuidando de nós próprios e das nossas emoções, sem alienar as pessoas e as coisas que amamos.

Stefano Benni

“Bumerang”

De repente, um dia, o Sr. Remo começou a odiar o seu cão. Ele não era um homem mau. Mas alguma coisa se tinha partido dentro dele quando ficou viúvo. Tinha perdido a mulher e ficou com o seu cão, um peludo, gordo, preto, com orelhas de morcego e muito engraçado. Chamavam-lhe Bum, ou Bumerang, porque trazia de volta tudo o que lhe atiravam, com prontidão e perseverança. Em tempos, o Sr. Remo e o Bum tinham dado longos passeios juntos e conversado sobre o mundo humano e canino, sobre Descartes e Rin Tin Tin. Havia uma grande compreensão entre eles. Mas agora já não se falavam. O cavalheiro sentava-se num cadeirão a olhar para o vazio e Bum agachava-se a seus pés, olhando-o com um carinho sem limites. (...)

Bum, tenho de te deixar. Bum, tenho de te deixar. Não posso continuar a tomar conta de ti. De facto, mas tu não podes compreender isto, eu detesto-te.

O cão olhava para ele com um carinho e uma dedicação infinitos. Porque é que não o confiou a um canil ou a um conhecido? Antes de mais, por preguiça. Mas também porque se lembrava de uma frase que a sua mulher tinha dito. Ela tinha-lhe dito: Remo, se eu morrer, por favor não deixes o nosso Bum sozinho. Então Remo tinha-se zangado com essa frase: como é que alguém podia duvidar disso? E, em vez disso, a pobre Dora, que conhecia bem o nó de fraqueza no coração do marido. Ela tinha-o abandonado. E ao abandonar o cão, ele estava agora a vingar-se loucamente do destino. Então o Sr. Remo pegou no carro e levou o Bumerangue para fora da cidade, para um grande prado onde brincavam muitas vezes juntos. (...) Quando estavam longe de olhares indiscretos, amarrou o cão a uma árvore e, sem olhar para trás, foi-se embora. Regressou a casa e cozinhou com cuidado, como já não fazia há algum tempo.



Chutou a tigela do Bum para um canto. Pegou na trela e no açaim e atirou os para o lixo. Mas nessa noite, por volta das três horas, ouviu arranhar a porta. Era o Bumerang. Um pouco sujo e molhado, saltou para cima dele de forma festiva e deu a volta à casa para mostrar a sua alegria. (...). Na noite seguinte, carregou o Bum no carro, percorreu cem quilómetros na autoestrada e abandonou o cão no parque de estacionamento de uma estação de serviço. (...) No dia seguinte, no supermercado, encontra uma senhora, a dona da Tommasina, amiga do Bumerangue.

-Onde está o Bum?

- Ai de mim!, diz o Sr. Remo, abrindo bem os braços. A senhora põe a mão sobre a boca, teatralmente. Não perguntou nada, respeitava essa reserva. Tocou na mão do senhor com a sua mão. - Imagino que isto seja uma grande dor para ela.

- Não sabe o quanto, responde o Sr. Remo.

Regressa a casa. Ao subir as escadas, ouve um ruído ténue mas inconfundível. Unhas no mármore.

Era o Bumerangue, no patamar. (...)

Dois dias depois, o Sr. Remo pegou novamente no carro, conduziu durante todo o dia e chegou à beira-mar com o cão. Aí apanhou um barco. (...) O homem levou o Bumerangue para a praia e atirou um pau ao mar. Bum nadou, deu uma dentada, voltou para a praia e, claro, o dono já não estava lá. (...) Passou uma semana. A senhora, que tinha visto o Bumerangue regressar da primeira vez, perguntou pelo novo desaparecimento.

- Infelizmente, disse o Sr. Remo, ele tinha recuperado, depois teve uma recaída. (...)

Foi uma semana triste para o Sr. Remo, mas certamente não para o Bumerangue desaparecido.



Pelo contrário, reparou que o tapete e o sofá da casa tresandavam a cão e desodorizou-os. O Sr. Remo estava triste porque o televisor estava avariado. O técnico finalmente chegou.

Ele mexeu em tudo, falou disto e daquilo e viu a tigela do Bumerangue.

- Tens um cão? - disse ele.

- Já não tenho.

- Mas agora tenho um, e é um verdadeiro problema. Imaginem que eu estava de férias à beira-mar. No regresso, no ferry, um cão gordo e feio salta para o meu carro. Os meus filhos dizem: "Vá lá pai, é um cãozinho abandonado, vamos ficar com ele, vamos ficar com ele". Sabe como são as crianças...

- Claro, disse o Sr. Remo.

- Quer dizer, neste momento tenho-o aqui no carro, estou à procura de alguém a quem o dar. Não conheces ninguém, pois não?

- De que cor é o cão? - perguntou o Sr. Remo com um arrepio.

- É preto. Com duas orelhas como um morcego.

O técnico sai. O televisor está a funcionar. O Sr. Remo senta-se, mas não olha para o ecrã. Olha para a porta. Passado um momento, sente as unhas a raspar. (...)

Então, o cavalheiro preparou um plano perfeito. Mudaria de país, ou mesmo de continente, para uma longa viagem. Há já algum tempo que andava a pensar nisso. Levantou as suas poupanças, comprou um casaco branco e um chapéu de palha. Uma manhã, fechou o Bumerangue no terraço e partiu. Apanhou um avião e voou catorze horas. Quando sai do avião, já se sente diferente e tropical. Na recolha de bagagens, parou ao lado de uma rapariga bronzeada e sorriu-lhe. Sim, era longe, muito longe de tudo. Cheirava-lhe a mar e a sol, não a cão. Foi então que se apercebeu de uma cena estranha.

Uma senhora está a chorar entre dois polícias. Apontava para uma gaiola de cão, que acabara de sair do avião.

- Mas isso não é possível! - gritava ela com uma voz estridente - onde está o meu Rufus?

- Senhora, acalme-se - disse um polícia coçando a cabeça.

- Não pode ter acontecido o que está a dizer...

Intrigado, o Sr. Remo aproxima-se. Ouve o polícia a falar com o agente de bagagens perdidas. - Aconteceu uma coisa muito estranha. A senhora enviava regularmente o seu cão, numa gaiola no porão. Mas agora diz que o animal não é dela.

- É impossível...

- O meu cão é um setter irlandês”, disse a senhora a chorar, ”este é um cão gordo e feio. Lembro-me muito bem que, à partida, ele andava a vaguar livremente pelo aeroporto.

- Quer dizer, minha senhora, que alguém substituiu o seu cão?

- Mas sim”, riu-se o bagageiro, ”... ou o cão abriu a gaiola e substituiu-a.

- Não seja irónica”, disse a senhora, ”não sabe como os cães são inteligentes!

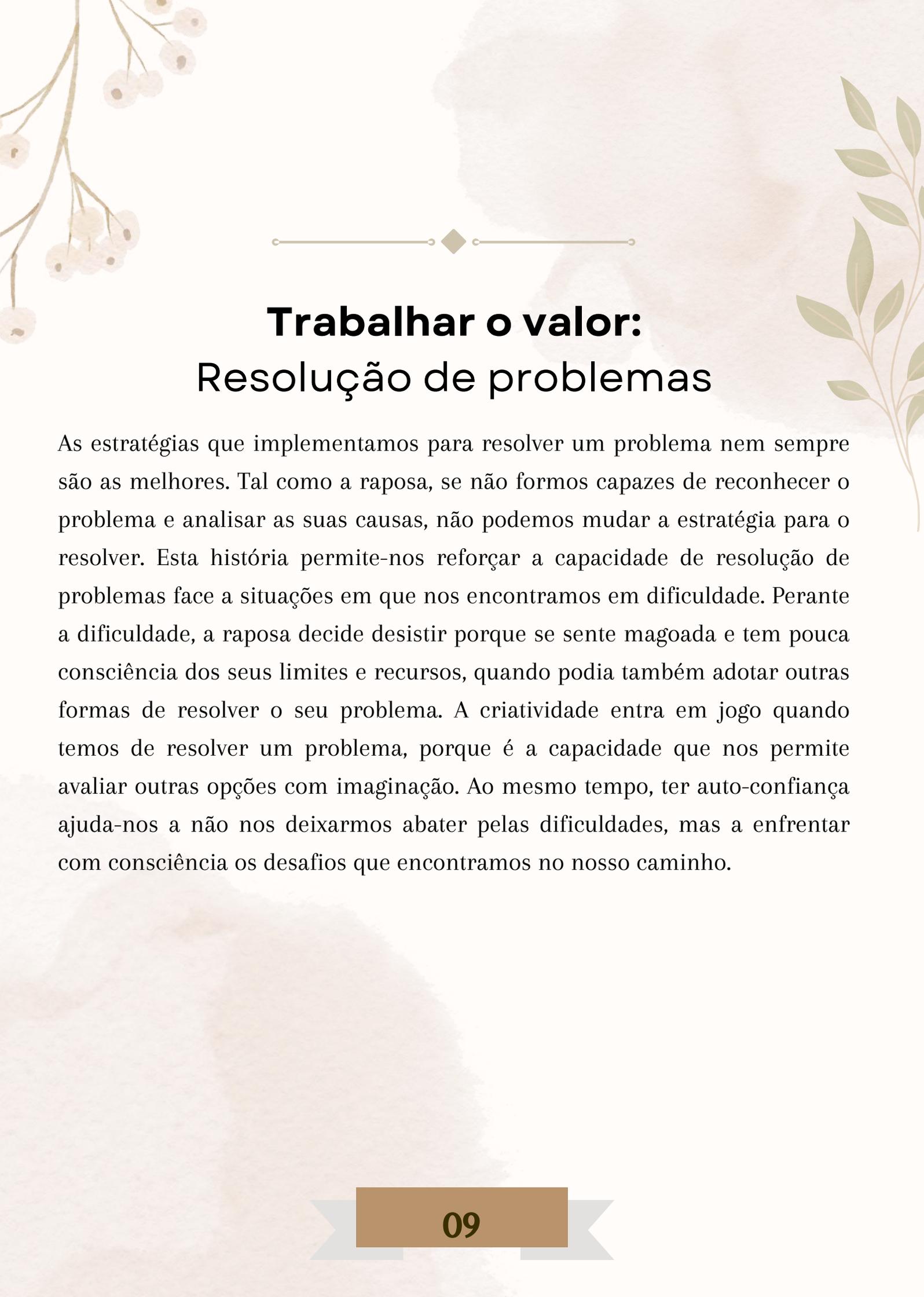
O Sr. Remo não esperou que a gaiola fosse aberta. Correu, arrastando a sua mala com rodas, pelos corredores do aeroporto, e ouviu o galope frenético do Bumerangue atrás de si. Na hora, entrou no táxi e disse:

- Hotel Tropicana, imediatamente.

- Não posso, senhor, disse o taxista. - Há um cão feio deitado à frente do carro que não me deixa passar.

O Sr. Remo subiu para o seu quarto no último andar do hotel. Abriu a grande janela que dava para o terraço. O Bumerangue fareja a alcatifa, satisfeito. O Sr. Remo tira o casaco branco e o chapéu. Olha para o mar e para o horizonte distante. Deu uma corrida de arranque e saltou.

A última coisa que viu foi o Bumerangue, gordo e compacto como uma bala, a correr para o seu lado com um olhar de adoração. Um novo jogo, mestre? A imprensa local até dedicou um título à triste e comovente história. Enterraram-nos juntos.



Trabalhar o valor: Resolução de problemas

As estratégias que implementamos para resolver um problema nem sempre são as melhores. Tal como a raposa, se não formos capazes de reconhecer o problema e analisar as suas causas, não podemos mudar a estratégia para o resolver. Esta história permite-nos reforçar a capacidade de resolução de problemas face a situações em que nos encontramos em dificuldade. Perante a dificuldade, a raposa decide desistir porque se sente magoada e tem pouca consciência dos seus limites e recursos, quando podia também adotar outras formas de resolver o seu problema. A criatividade entra em jogo quando temos de resolver um problema, porque é a capacidade que nos permite avaliar outras opções com imaginação. Ao mesmo tempo, ter auto-confiança ajuda-nos a não nos deixarmos abater pelas dificuldades, mas a enfrentar com consciência os desafios que encontramos no nosso caminho.

“A raposa e as uvas”

Era uma vez uma raposa esfomeada que vagueava pela floresta à procura de comida quando, a certa altura, viu uns cachos de uvas grandes e bonitos pendurados numa árvore. Decidiu que seriam a sua refeição, mas por mais que tentasse alcançá-los saltando, não conseguia apanhá-los. No final, desconsolada, afastou-se, dizendo para si própria: “Ainda bem que eram uvas verdes”. Assim também, entre os homens, alguns, não conseguindo atingir os seus objetivos por fraqueza, culpam as circunstâncias.



Trabalhar o valor: Resolução de problemas

A reescrita de A Lenda do Ombú com um enfoque na resolução de problemas realçaria a importância da ação atempada e da colaboração para ultrapassar a adversidade. Se as pessoas se tivessem unido mais cedo para encontrar uma solução prática, quer trabalhando em conjunto para gerir a seca, quer procurando culturas alternativas, tanto a vida da rapariga como a colheita de milho poderiam ter sido salvas.

Ao centrar-se na resolução de problemas como um valor fundamental, a história demonstra como o planeamento eficaz e as decisões atempadas podem fazer uma diferença real em situações difíceis.

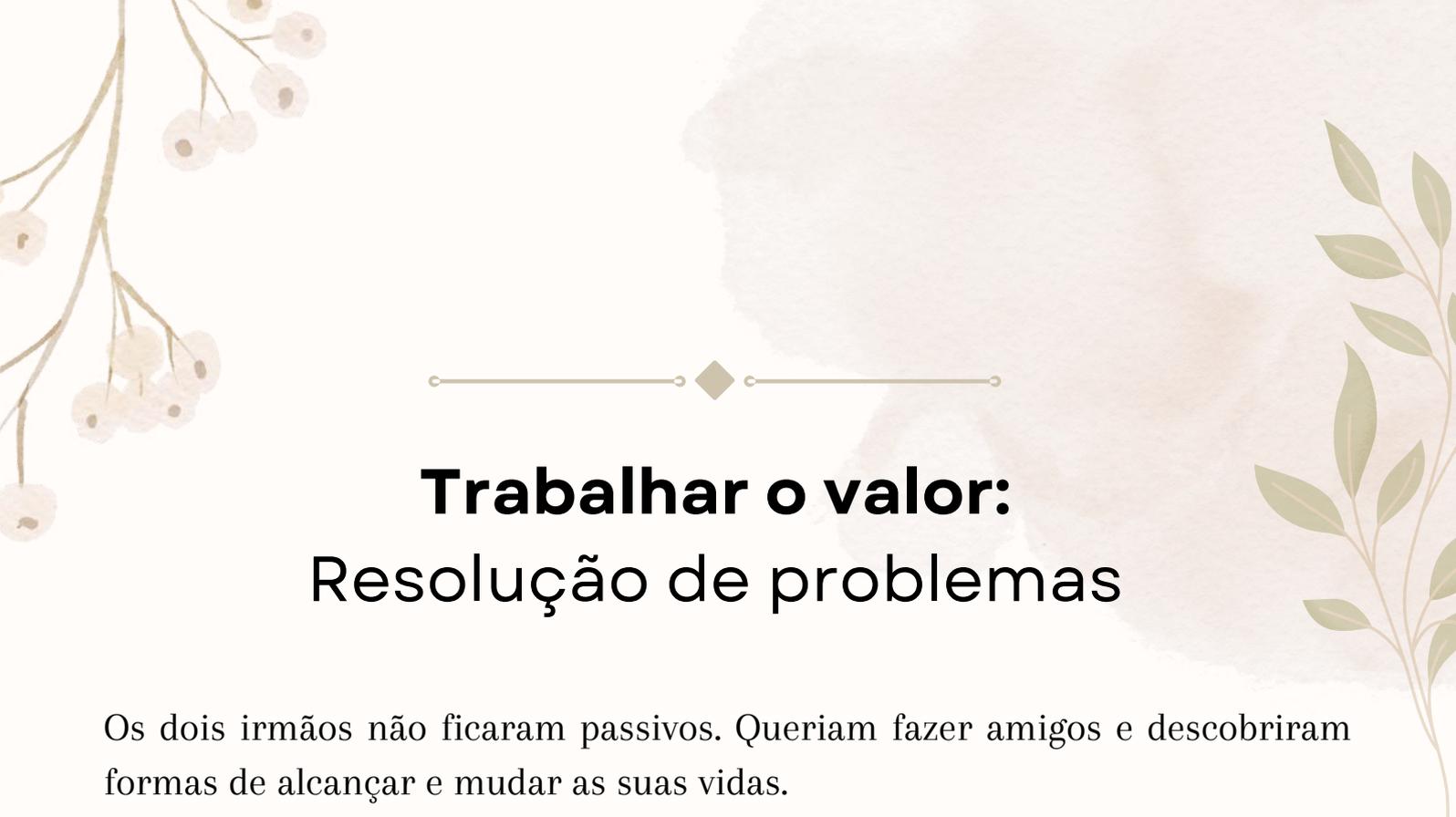
A implementação e o destaque deste valor da resolução de problemas em A Lenda do Ombú ensina aos grupos-alvo a importância da intervenção precoce, do esforço coletivo e das soluções ponderadas, capacitando-os para enfrentarem os desafios com confiança. Atualmente, este valor é muito importante para adultos e grupos marginalizados e, através da história reescrita, mostramos como a ação ponderada e a colaboração podem conduzir a melhores resultados e evitar crises.

Implementar e realçar o valor da resolução de problemas na versão reescrita será especialmente importante para os grupos-alvo atuais, como os adultos, os jovens e as comunidades marginalizadas.

Num mundo onde os desafios ambientais, económicos e sociais são cada vez mais complexos, ensinar estes grupos a pensar criticamente, a trabalhar em conjunto e a planear o futuro pode ajudá-los a enfrentar as dificuldades de forma mais eficaz. Ao mostrar como o facto de os aldeões não terem agido mais cedo conduziu a consequências terríveis, a história salienta a importância da intervenção precoce e da ação colaborativa.

“A Lenda de Ombu da Argentina”

Há muito tempo, as tribos indígenas que viviam na região central da Argentina dedicavam-se ao cultivo do milho, que era um alimento precioso para eles. Conta a lenda que, um dia, os indígenas deixaram uma das suas jovens mulheres a cuidar das plantas de milho, que cresciam sob os raios quentes do sol. Nesse ano, porém, as chuvas não chegaram e as plantas começaram a morrer. A rapariga que as cuidava não desesperou, ficou com os braços estendidos ao sol para dar sombra às plantas até as espigas amadurecerem. Quando o seu povo regressou ao local onde a tinha deixado, encontrou uma árvore muito bonita e frondosa que dava sombra a toda a volta; mas não havia vestígios da rapariga. Assim nasceu a lenda do ombú, uma árvore que cresce na Argentina em lugares quase desertos, proporcionando uma valiosa sombra para os viajantes que procuram abrigo do sol escaldante do verão.



Trabalhar o valor: Resolução de problemas

Os dois irmãos não ficaram passivos. Queriam fazer amigos e descobriram formas de alcançar e mudar as suas vidas.

A escola enfatiza a participação, a responsabilidade e a colaboração para criar uma sociedade mais funcional através da resolução de problemas.

“Um amigo”

Era uma vez dois irmãos. Garifalia e Dimitris. Estes dois irmãos pareciam, à primeira vista, gémeos. Infelizmente, não tinham amigos porque toda a gente pensava que eles eram malucos por causa da sua imaginação. Tinham 8 anos e não conheço nenhum outro miúdo que não fosse tão, tão aventureiro. Bem, eles gostavam muito do espaço e um dia decidiram fazer uma viagem ousada. Pegaram no foguetão do tio, que era astronauta, e começaram por deixar uma carta aos pais. A carta dizia o seguinte

Caros pais,

Não se preocupem se não nos encontrarem. Não podemos dizer-vos agora onde estivemos, mas assim que voltarmos descreveremos tudo em pormenor. Vemo-nos daqui a alguns meses.

Com amor, os vossos filhos,

Garifalia e Dimitris

Assim que os pais leram esta carta, ficaram muito tristes e ansiosos. Mas sabiam que os seus filhos iriam sobreviver graças à sua imaginação e ao seu gosto pela aventura. Como podiam eles imaginar que os seus próprios filhos se estavam a afastar da vasta (para eles) terra. Passado algum tempo, as crianças quase chegaram ao espaço. Estavam tão contentes por o tio lhes ter mostrado como funciona.

Na verdade, estavam orgulhosas por ele ter confiado nelas e as ter deixado sozinhas a lidar com uma nave espacial! Depois de terem feito uma aterragem muito suave, ficaram surpreendidos ao verem uma pedra enorme com um buraco bastante grande. Deram um passo em frente e ficaram sem palavras perante o que viram. Criaturas púrpuras, minúsculas e cheias de graça, puseram as suas cabecinhas de fora cheias de curiosidade e um pouco de medo. Garifália e Dimitris aproximaram-se ainda mais. Então, para sua surpresa, as estranhas criaturas roxas falaram! E não era só isso, também falavam grego!

A língua das duas crianças! Então disseram-lhes:

- Vocês são muito boas crianças, nós sentimos isso!
- Muito obrigado! Eles respondem-lhes com uma só boca.

Depois, no meio do mato, vêem outro extraterrestre verde, desta vez sozinho. Vão discretamente e aproximam-se dele.

- Seu pequeno e engraçado extraterrestre! O que é que estás a fazer aqui sozinho? Vamos brincar lá fora juntos!
- Os outros extraterrestres não querem que eu brinque e fale com eles. É melhor eu ficar aqui.
- Mas porque é que eles não te querem? Tu és muito bom.
- Sou verde...
- E então?
- Sou diferente...
- Melhor ainda porque te vais destacar!
- Eles não vêem as coisas assim.
- Lamentamos muito. Queres ser nosso amigo?
- Dizem mesmo isso?
- Claro, nós também não temos amigos.
- Perfeito! Como é que vocês se chamam?
- Garifalia e Dimitris. E tu?
- Eu não tenho nome...
- Não faz mal. A partir de hoje, chamar-te-ás Bobbi!
- Nome perfeito, obrigado!
- Fantástico extraterrestre Bobbi!

Assim, com estas palavras, exploraram o planeta, tiraram fotografias e partiram para a sua casa na Terra.

Passados meses, as crianças foram ter com os pais, apresentaram-lhes o Bobbi e descreveram-lhes tudo ao pormenor, como lhes tinha sido prometido na carta. Mas um dia, assim que acordaram, não encontraram o Bobbi na sua cama verde e bem feita. Ficaram preocupados.

Depois viram uma carta. Era da Bobbi e dizia o seguinte:

Meus queridos amigos, peço desculpa por não me ter despedido de vocês. Não se preocupem, voltarei dentro de alguns dias. Fui para o espaço para ver se o resto dos extraterrestres sobreviveram. Se quiserem ver-me, tenho uma máquina na nave espacial do teu tio. Tens de carregar no botão verde para apareceres à minha frente e no botão vermelho para voltares para casa. Eu também tenho uma.

O vosso único amigo, Bobbi.

Depois de a lerem, ficaram aliviados. Depois de contarem aos pais, foram à procura dele. Finalmente, o resto dos extraterrestres tinha desaparecido e Bobbi teve muita sorte por os seus amigos o terem levado dali. Regressaram à Terra e viveram para sempre sozinhos.



Trabalhar o valor: Resolução de problemas

Esta história realça a importância da resolução de problemas. Tanto o vendedor ambulante como as pessoas tinham o problema da escassez de alimentos, mas com uma ideia criativa, ele resolveu-o de modo a que, durante uma noite, todos pudessem comer juntos.

“Sopa da Pedra”

Era uma vez, algures na Europa de Leste, uma grande fome. As pessoas acumulavam, a contragosto, toda a comida que encontravam e até a escondiam dos seus amigos e vizinhos. Um dia, um vendedor ambulante chegou a uma aldeia na sua carroça, vendeu algumas das suas mercadorias e começou a fazer perguntas às pessoas, dando a entender que queria passar lá a noite.

“Não há um único bocado para comer em toda a vizinhança”, disseram-lhe. “Seria melhor se te fosses embora.”

“Oh, eu tenho tudo o que preciso”, disse o vendedor ambulante. “Na verdade, pensei em fazer uma sopa de pedra e convidar-vos a todos.” Tirou então um caldeirão de ferro da sua carroça, encheu-o de água e fez uma fogueira por baixo. Depois, tirou solenemente uma pedra simples do seu saco de veludo e colocou-a na água. Por esta altura, a maior parte dos aldeões já tinha aparecido na praça ou estava a olhar pelas janelas, porque tinham ouvido a conversa sobre a comida. À medida que o vendedor ambulante cheirava a “sopa” e uma alegre expectativa cruzava os seus lábios, a fome começou a vencer a desconfiança dos aldeões.

“Ah”, disse o vendedor ambulante bem alto para si próprio, “adoro uma sopa de pedra saborosa. Claro, uma sopa de pedra com couve, isso seria certamente difícil de bater”.

Pouco tempo depois, um aldeão veio a correr com uma couve do seu esconderijo e colocou-a no caldeirão. “Ótimo”, exclama o vendedor ambulante. “Sabes, uma vez até comi uma sopa de pedra com couve e um pedaço de carne salgada. Era digna de um rei”. O talhante da aldeia arranjou então um pouco de carne salgada..., e assim por diante, com batatas, cebolas, cenouras, cogumelos, etc., até que, de facto, tinham uma refeição deliciosa para todos. Os habitantes da aldeia ofereceram ao vendedor ambulante muito dinheiro pela sua pedra mágica, mas ele recusou e seguiu viagem no dia seguinte. A partir dessa altura, muito depois de a fome ter acabado, as pessoas pensaram na sopa mais deliciosa que alguma vez tinham comido.



Trabalhar o valor: Resolução de problemas

Os animais encontram uma solução para os seus problemas de forma autónoma e democrática e mantêm-se unidos.

Autor: transmissão oral

“Os Músicos de Bremen”

Era uma vez um moleiro que tinha um burro que carregava incansavelmente os sacos. Quando o burro envelheceu e já não podia fazer o trabalho, o moleiro quis levá-lo embora. Então o burro fugiu e decidiu ir para Bremen para ganhar a vida como músico da cidade. Passado pouco tempo, viu um cão de caça na berma da estrada, com falta de ar. O burro perguntou-lhe o que se passava. O cão disse que tinha ficado demasiado velho para caçar e que o seu dono queria bater-lhe até à morte. Ele tinha fugido, mas não sabia o que fazer agora. O burro disse: “Vou para Bremen para me tornar um músico da cidade. Vem comigo, eu toco o alaúde e tu bates os tímpanos”. O cão concordou e foi com ele.

Pouco depois, viram um gato sentado tristemente junto à estrada. O gato disse que era demasiado velho para apanhar ratos e, por isso, a dona quis afogá-lo. Depois fugiu, mas não sabia o que fazer. “Vai connosco para Bremen”, disse o burro, ‘tu sabes tocar música de noite, podes tornar-te um músico da cidade’. O gato foi com eles e passaram pelo portão de uma quinta, onde estava sentado um galo que gritava a plenos pulmões. Quando lhe perguntaram o que se passava com ele, o galo disse que devia ir para a sopa, por isso gritava o mais que podia. “É melhor vires connosco para Bremen. Encontrarás algo melhor do que a morte em qualquer lugar. Tens uma boa voz, vamos fazer música juntos”, disse o burro. O caminho para Bremen ainda era longo, por isso decidiram passar a noite na floresta. Quando o galo subiu a uma árvore, avistou uma luz ao longe. Os quatro jornaleiros foram ver e depararam-se com uma casa iluminada. O burro espreitou pela janela e viu uma mesa bem posta com um bando de ladrões sentados à volta.

Os animais decidiram expulsar os ladrões da casa. Para isso, o burro pôs-se de pé com as patas da frente no parapeito da janela, o cão subiu para as costas do burro, o gato para o cão e o galo para o gato. Todos começaram a sua música ao mesmo tempo: o burro zurrou, o cão ladrou, o gato miava e o galo cantava. Depois, irromperam pela janela da sala de estar, de tal modo que os vidros fizeram barulho. Os ladrões saltaram com o grito terrível, pensaram que um fantasma estava a entrar e fugiram para a floresta. Agora os quatro músicos podem comer até se fartarem. Depois apagaram a luz e adormeceram. O burro deitou-se no monte de estrume, o cão junto à porta, o gato junto ao fogão quente e o galo na viga do galo.

Quando os ladrões viram, à distância, que a casa estava às escuras, o capitão mandou um deles verificar. O ladrão encontrou tudo calmo e foi até ao fogão para acender o lume. Pensou que os olhos brilhantes do gato eram carvões e acendeu um fósforo. O gato assobiou e bateu-lhe na cara com as garras. O ladrão assustou-se e saiu a correr. À porta, o cão mordeu-lhe a perna e, quando atravessava o quintal a correr, passando pelo monte de estrume, o burro deu-lhe um coice. O ladrão correu o mais depressa que pôde para o seu capitão e disse: “Está uma bruxa em casa, ela assobiou para mim e arranhou-me a cara. Há um homem à porta com uma faca que me esfaqueou na perna. No pátio, um monstro negro bateu-me com um bastão de madeira. E o juiz gritou do telhado: "Tragam-me o malandro! E eu fugi”.

A partir daí, os ladrões nunca mais se atreveram a ir lá a casa. Mas os quatro músicos gostaram tanto que ficaram por lá.



Trabalhar o valor: Resolução de problemas

A história fala de diferentes abordagens para resolver o problema descrito, sendo que uma solução muito invulgar é a única que funciona. Para reescrever a história, poder-se-ia realçar a criatividade da solução ou o esforço comum para resolver o problema.

**Autores: Hans Bemman,
Monika Maslowska**

“Um conto de fadas sobre um Rei alegre”

Era uma vez um rei alegre. Ele vivia com a sua rainha e a sua filha num castelo magnífico. No centro do jardim do castelo havia uma fonte onde se sentavam divertidos anões de pedra. “A fonte é a melhor forma de preservar a cultura do nosso castelo”, explicava o administrador do castelo a todos os que passavam. “Quando a água salpica as esculturas de pedra, parece que alguém se está a rir em todos os cantos do jardim! É por isso que lhe chamamos a ‘Fonte da Felicidade’.”

O rei alegre e a sua família viveram felizes para sempre, até que um dia três gigantes malvados saíram da floresta e invadiram o jardim do castelo.

Estes gigantes foram vistos de longe porque nunca se tinham rido na vida. Os seus rostos eram tão sombrios que toda a gente saiu a correr do castelo, incluindo o rei e a sua família. Correram o mais depressa que puderam para o outro lado do vale. Aí encontraram abrigo junto de um agricultor que tinha a sua quinta na encosta, onde o rei se sentou no muro do pátio e já não estava nada alegre. Durante dias, olhou para o castelo, onde agora viviam os gigantes. Como tinham destruído tudo, até o poço, o rei enviou os seus mensageiros para o campo. “Quem derrotar o mais forte dos terríveis gigantes terá a minha filha como esposa!”, anunciou. O cavaleiro atravessou o vale a galope até ao castelo, gritando ferozmente, brandiu a espada e quis atacar os gigantes. Mas o gigante mais forte limitou-se a esticar o braço enorme para fora da janela, arrancou o cavaleiro da sela como se fosse uma avelã e atirou-o num arco largo para o ribeiro. Aí, o cavaleiro esforçou-se por se levantar e coxeou de volta à quinta.

“Infelizmente, não se pode lutar contra estes gigantes com uma espada”, disse ele.

“Se não for com a espada, será com a ciência!”, disse a princesa, e mandou chamar o professor Immerschlau e o seu assistente Cupidi. O professor acariciou a sua longa barba branca e fez uma cara séria e importante. Pouco depois, os dois estavam em frente ao castelo. Ambos tinham tirado os seus livros e, no momento em que preparavam o projetor, foram atingidos por um tremor de terra. O Covidiano tinha simplesmente batido no chão com a mão e os dois foram atirados para longe como dois gatinhos! “Se não com a espada nem com a ciência, então com a magia!”, disse a Rainha Amália, e mandou chamar o melhor feiticeiro de todo o país. O Mago Magnus apresentou-se perante o rei com o seu aprendiz Omnibus.

“Nada é tão eficaz como a magia do melhor feiticeiro do mundo!” disse Magnus. “Nenhum ser vivo pode resistir aos nossos poderes sobrenaturais”, confirmou o seu aprendiz. Quando chegaram ao castelo, o feiticeiro disse: “Então, Omnibus, desenha um círculo mágico redondo no chão.” “Sim, mestre!”

O feiticeiro ficou lá dentro e começou a recitar os seus feitiços: “Lorem ipsum dolor sit amet - sed diam nonummy...” Mas o maior dos gigantes parou à janela do castelo, respirou fundo e soprou o feiticeiro para longe como uma pena, até que este ficou preso na copa de uma árvore. Quando desceu da árvore e voltou para junto do rei, ainda tinha uma cara séria e importante, mas teve de admitir: “Infelizmente, não se pode combater estes gigantes com magia”.

“O rei ficou ainda mais triste. “Não tenho esperança de recuperar o meu castelo e a Fonte da Felicidade”, lamentou. Então, um dia, sentou-se novamente a chorar no muro do pátio e olhou para o castelo. Os gigantes atiravam-lhe à cabeça bolas de ouro, que tinham partido das delicadas torres, quando a jovem pastora Esperança passou a vaguear e perguntou “Estás com um ar tão triste! O que é que se passa contigo?” “Olha para ali”, disse o rei. “Então vais perceber. Os gigantes levaram o meu belo castelo e taparam a Fonte da Felicidade. E ninguém os consegue afastar!”

A sério que não há ninguém?", pergunta a pastora. "Vamos mostrar-lhes onde é que o Barthel vai buscar o mosto. Ela riu-se tão alto que os gigantes do outro lado do vale pararam e olharam. "Como é que te podes rir quando eu tenho de estar tão triste?" perguntou o rei com amargura. "O que o meu melhor cavaleiro, o professor mais inteligente do país e o feiticeiro mais poderoso não conseguiram fazer, tu também não conseguirás!" "Só o tempo o dirá!" disse a pastora. "Mas eu teria de te pedir a ti e ao teu povo que fizessem tudo o que eu dissesse!" "Por mim tudo bem", disse o rei com pouca esperança. "Então o que é que devemos fazer?" "Sejam felizes!" disse a pastora. "Tão alegres quanto possível! Riam, cantem e dancem para que todo o vale o possa ouvir!" "Estão a pedir muito de nós", disse o rei. Mas como não queria deixar pedra sobre pedra, ordenou à sua família e a toda a gente do castelo e até aos camponeses: "Riam, cantem e dancem!" E ele foi à frente, rindo mais alto, cantando mais alegremente e dançando mais loucamente. Passado algum tempo, disse à sua mulher: "Que engraçado. Eu só estava a fingir que estava alegre, mas este 'fazer de conta' tira a tristeza do meu coração, e agora até estou a gostar de rir e cantar tão alegremente!"

Depois de um dia inteiro de festa, de dança e de riso, a pastora Esperança disse ao rei "Olha agora para o castelo!" O rei parou de dançar por um momento e olhou para lá. Os gigantes ainda andavam a pisar o jardim do castelo, mas agora pareciam-lhe muito mais pequenos! Todos se riram ainda mais e, a cada gargalhada, os gigantes encolhiam-se ainda mais e encolhiam-se com medo. "Parem com isso, parem com isso, o riso dói tanto!" gritaram os gigantes. Então o rei e a sua gente treparam o muro e toda a gente se riu cada vez mais alto dos homenzinhos engraçados do jardim. "São apenas um bando de anões mal-humorados a tentar esconder-se debaixo dos arbustos", riu-se a princesa. "Parem!" gritou o rei entre gargalhadas. "Vai ao castelo buscar uma vassoura e uma pá", disse ele à filha, "e varre esta gentalha!" Ela correu para o castelo e, quando voltou, os anões já eram tão pequenos que mal se podiam distinguir das joaninhas nas pétalas das rosas. Era tão engraçado que toda a gente teve de segurar o estômago com o riso.

Quando a princesa acabou de varrer, exclamou: “Ups, isso é só um bocadinho de pó levado pelo vento!” E depois todos ajudaram a restaurar o castelo, o jardim e a fonte. Assim que a bela fonte voltou a balbuciar, o rei anunciou solenemente: “Pastora Esperança, prometi dar a minha filha em casamento àquele que nos salvar destes gigantes!” “Obrigada, querido rei”, respondeu a pastora. “De acordo com o artigo 14º, nº 2 da Constituição, a coabitação legalmente regulamentada está aberta a todos os casais, independentemente do género ou da orientação sexual. Estou ansiosa por ver a vossa adorável filha!” E assim continuaram a viver felizes e contentes no castelo. No entanto, se mais tarde alguém fizesse uma cara demasiado séria, o rei dizia-lhe: “Sejam alegres e riam um pouco! Pode ser que um gigante malvado esteja escondido debaixo da tua unha e esteja a começar a crescer de novo!”



Trabalhar o valor: Resolução de problemas

É fácil reconhecer a resolução de problemas nesta história. Como se trata de uma história tradicional passada em tempos antigos, os participantes têm a oportunidade de pensar em personagens e situações de conflito ou indecisão atuais e encontrar formas de as resolver utilizando estas competências.

Nesta história, o objeto é importante e pode ser qualquer outra coisa, como sugerido pelo facilitador.

“A Sopa da Pedra”

Era uma vez, numa pequena aldeia em Portugal, uma época de dificuldades. Não havia muita comida e os aldeões estavam a lutar para sobreviver. Todos escondiam o pouco que tinham, com medo de ficarem sem comida se a partilhassem com os outros.

Um dia, chegou à aldeia um viajante cansado. Era um monge e trazia apenas um pequeno saco às costas. Andava há dias e tinha fome, mas quando bateu à porta dos aldeões a pedir comida, todos disseram a mesma coisa: “Desculpe, não temos nada para dar”.

O monge pensou por um momento e decidiu dar uma lição aos aldeões de uma forma inteligente. Dirigiu-se ao centro da aldeia e acendeu uma pequena fogueira. Do seu saco, tirou uma panela, encheu-a de água e colocou-a sobre as chamas. Depois, com muito cuidado, tirou uma pedra lisa e deixou-a cair na água.

Os aldeões ficaram curiosos. Um a um, saíram de suas casas para ver o que o estranho estava a fazer. Uma delas, uma mulher, aproximou-se dele e perguntou: “O que estás a cozinhar?”

“Ah”, disse o monge, “estou a fazer sopa de pedra. Vai ser deliciosa”.

“Sopa de pedra?” perguntou a mulher, intrigada. “Como é que se pode fazer sopa a partir de uma pedra?”

“Bem”, sorriu o monge, “é uma pedra especial. Mas podia usar um pouco de sal e talvez algumas ervas para realçar o sabor”.

A mulher, ansiosa por ver como uma pedra se podia transformar em sopa, voltou a casa e regressou com uma pitada de sal e uma mão cheia de ervas secas. O monge agradeceu-lhe e juntou-os à panela, mexendo lentamente.

Quando a água começou a ferver, juntaram-se mais aldeões. “O que é isso que está a fazer?”, perguntou um dos homens.

“Sopa de pedra”, disse o monge. “Está quase pronta, mas sabe, ficaria ainda melhor com alguns legumes. Uma cenoura ou uma batata fá-la-iam perfeita”. O homem pensou por um segundo, depois apressou-se a ir para casa. Voltou com um par de cenouras e uma batata. O monge cortou-as em pedaços e deitou-as na panela.

O cheiro da sopa começou a espalhar-se pela aldeia e, em breve, mais pessoas vieram ver o que estava a acontecer. O monge continuava a mexer a panela e a sorrir. “Esta sopa de pedra é mesmo qualquer coisa”, disse ele. “Mas se ao menos tivéssemos um pouco de carne, talvez uma rodela de salsicha ou um pouco de frango, seria um verdadeiro banquete!”

Outro aldeão, curioso e desejoso de provar esta estranha sopa, foi a casa e trouxe um pedaço de salsicha. Foi para a panela.

Enquanto a sopa borbulhava, o monge provou-a e sorriu. “Ah, está quase pronta. Só mais um pouco e teremos o suficiente para partilhar com todos.” Por esta altura, toda a aldeia estava reunida à volta da panela, observando o monge enquanto ele mexia. Não conseguiam acreditar que aquilo que começou por ser uma panela de água com uma pedra se estava a transformar numa refeição saudável.

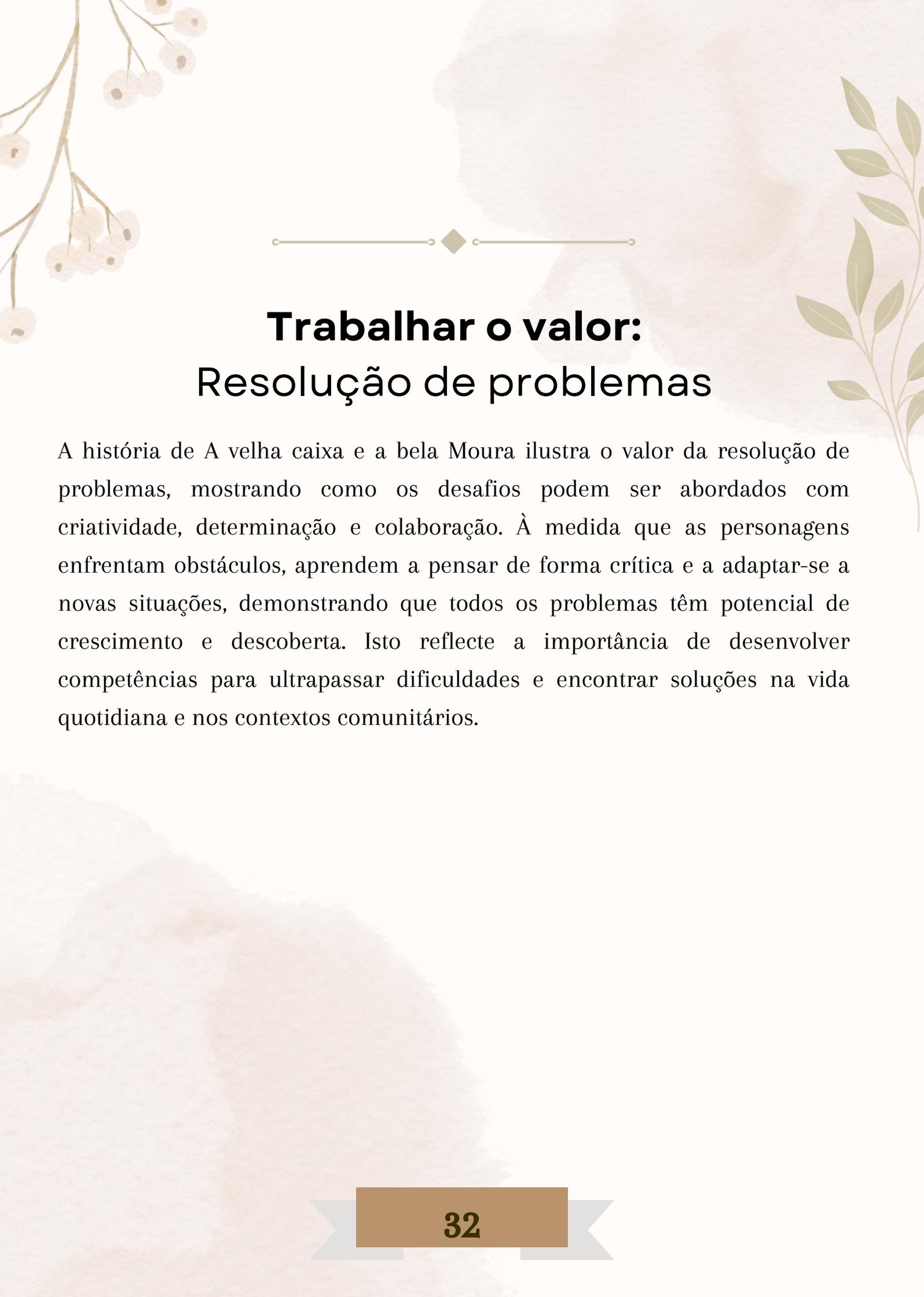
Passado algum tempo, o monge deitou a sopa em tigelas e distribuiu-as pelos aldeões. Sentaram-se todos juntos e começaram a comer. A sopa era rica e saborosa, cheia de legumes, ervas e chouriço que tinham acrescentado.

Enquanto comiam, os aldeões falavam e riam, partilhando histórias e desfrutando da companhia uns dos outros. Era a primeira vez em muito tempo que se juntavam todos assim.

Quando a refeição terminou, um dos aldeões perguntou ao monge: “Mas e a pedra? Nunca a tiraste”.

O monge sorriu e disse: “Ah, a pedra. É apenas uma pedra normal, mas a magia da sopa vem do facto de todos partilharem o que têm. É isso que a torna tão saborosa”.

Os aldeões aperceberam-se da lição que o monge lhes tinha ensinado. Trabalhando em conjunto e partilhando o pouco que tinham, todos podiam ter mais do que o suficiente. A partir desse dia, estavam mais dispostos a ajudarem-se uns aos outros e nunca mais esqueceram o viajante que fez uma sopa deliciosa com uma simples pedra.



Trabalhar o valor: Resolução de problemas

A história de A velha caixa e a bela Moura ilustra o valor da resolução de problemas, mostrando como os desafios podem ser abordados com criatividade, determinação e colaboração. À medida que as personagens enfrentam obstáculos, aprendem a pensar de forma crítica e a adaptar-se a novas situações, demonstrando que todos os problemas têm potencial de crescimento e descoberta. Isto reflecte a importância de desenvolver competências para ultrapassar dificuldades e encontrar soluções na vida quotidiana e nos contextos comunitários.

“A caixa velha. A bela Moura”

Era uma vez, no coração de uma aldeia, um nobre que era conhecido pela sua riqueza e curiosidade. Ele adorava colecionar objetos raros e estranhos de diferentes partes do mundo. Um dia, ao explorar um velho mercado, deparou-se com uma banca cheia de objetos empoeirados e esquecidos. Entre eles, encontrava-se uma caixa velha e desgastada, coberta de sujidade e de fendas. Parecia simples e inexpressiva, mas algo nela atraiu o nobre.

O vendedor, percebendo o seu interesse, disse: “Esta caixa é mais velha do que pensas, mas o seu verdadeiro valor está escondido.” Intrigado, o nobre comprou a caixa e levou-a para casa.

Nessa noite, no sossego da sua grande casa, o nobre sentou-se à lareira e abriu a caixa. Para sua surpresa, não havia nada lá dentro. Confuso, colocou-a de lado, pensando que tinha sido enganado. No entanto, enquanto dormia, algo de mágico começou a acontecer.

À meia-noite, o nobre foi acordado por uma luz suave e brilhante que vinha do canto do seu quarto. Quando olhou mais de perto, viu uma bela mulher no sítio onde estava a caixa. Tinha cabelos escuros e esvoaçantes e usava roupas mouriscas ricas, adornadas com jóias. Os seus olhos brilhavam e a sua presença enchia o quarto de calor e luz.

A mulher apresentou-se como uma princesa moura. Explicou que, há muitos anos, tinha sido encantada por um poderoso feiticeiro e aprisionada dentro da caixa. A maldição só poderia ser quebrada por alguém que visse valor na caixa, apesar da sua aparência. O nobre, com o seu olhar perspicaz e coração aberto, libertou-a sem saber.

Agradecida pela sua bondade, a princesa ofereceu ao nobre uma escolha. Ela podia dar-lhe riquezas incalculáveis ou podia ficar com ele como sua companheira, trazendo-lhe sabedoria e alegria.

O nobre, encantado pela sua beleza e graça, preferiu a sua companhia às riquezas.

Juntos, viveram felizes, com a princesa a ensinar ao nobre as maravilhas do mundo e a sabedoria do seu povo. A velha caixa foi guardada como uma recordação do dia em que o nobre olhou para além das aparências e descobriu a verdadeira beleza e magia.



Licença gratuita

O produto aqui desenvolvido como parte do projeto Erasmus+ “Stories for empowerment 2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380” foi desenvolvido com o apoio da Comissão Europeia e reflete exclusivamente a opinião do autor. A Comissão Europeia não é responsável pelo conteúdo dos documentos.

A publicação obtém a licença Creative Commons CC BY- NC SA.



Esta licença permite-lhe distribuir, remisturar, melhorar e desenvolver a obra, mas apenas de forma não comercial. Ao utilizar a obra, bem como extractos da mesma, deve:

1. Ser mencionada a fonte e uma hiperligação para a licença, bem como eventuais alterações. Os direitos de autor permanecem com os autores dos documentos.
2. A obra não pode ser utilizada para fins comerciais.
3. Se recompor, converter ou desenvolver a obra, as suas contribuições devem ser publicadas ao abrigo da mesma licença que a original.

Declaração de exoneração de responsabilidade

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e opiniões expressos são, no entanto, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente os da União Europeia ou da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas pelas mesmas.